

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI EM *DE GESTIS MENDI SAA* E EM *OS LUSÍADAS*

Ana Paula Silva
Universidade Federal de Viçosa

De *Gestis Mendi Saa* e *Os Lusíadas* foram escritos em contextos de grandes conquistas de Portugal, sempre justificadas pela necessidade de propagar a fé católica. A epopéia camoniana tem como eixo central da ação a viagem de Vasco da Gama às Índias, cujo objetivo era a expansão, não somente do Império português, à procura de um caminho para as Índias, mas também da fé em Cristo através da conversão de povos pagãos. No Brasil, Anchieta narra a catequização dos nativos da nova colônia, território do qual a Coroa portuguesa precisava garantir a posse. A submissão dos nativos ao deus dos colonizadores implicava também a submissão à Coroa Portuguesa. Também na segunda estância do canto primeiro de *Os Lusíadas*, encontramos “Fé” e “Império” apresentados como indissociáveis quando Camões se propõe a cantar “as memórias gloriosas / Daqueles reis que foram dilatando a Fé e o Império, e as terras viciosas / De África e Ásia andaram, devastando”.¹ Assim, o colonialismo opressor era justificado pela pregação da salvação em Cristo.

Baseando-nos na estrutura épica sustentada pela lenda, pela história e pelo herói, pretendemos, neste trabalho, apresentar comparações entre *De Gestis Mendi Saa* e *Os Lusíadas*, analisando a estrutura dos heróis, no que se refere às suas condições mítica e humana, bem como as relações entre outros elementos míticos e humanos.

¹ CAMÕES, 1980. p.29.

Segundo Emil Staiger, a matéria épica estrutura-se através de uma aderência mítica sobre um fato histórico real. O ser histórico agenciador do real – portanto mortal e humano – transfigura-se em mito e desrealiza o fato histórico, alcançando a categoria de herói épico, assim o fato histórico atinge o plano maravilhoso. Aragildo Silva, numa reflexão sobre os elementos estruturais da epopéia, a partir de Staiger, afirma: “Este personagem histórico, humano e mortal, para se tornar um herói épico, precisa romper a barreira do real mediante a transfiguração mítica.”²

Em *Os Lusíadas*, o poeta narra os feitos dos heróis lusitanos, exaltando a história da nação portuguesa, que é, segundo a tradição desta nação, por Deus predestinada à glória. Dom Sebastião pertence à árvore genealógica dos reis portugueses, mais amada por Cristo que outras genealogias de reis do Império Romano Cristão: “Vós tenro, e novo ramo florescente / De ua árvore, de Cristo mais amada / Que nenhuma nascida no Ocidente, / Cesárea ou Cristianíssima amada.”³

As lendas dessa tradição portuguesa, como o milagre de Ourique, o da palma que nasce junto à campã do alemão que morreu no cerco de Lisboa, mártir de Cristo, o sinal que no céu aparece durante a ação do bispo guerreiro de Lisboa, Dom Soeiro (que o poeta confunde com D. Mateus) e até a lenda das setas de Ormuz e a dos milagres de São Tomé são, segundo Hernâni Cidade, parte integrante da realidade:

Mas este maravilhoso é o que se considerava intrínseco à história, parte integrante da realidade que é sua substância. Referir tais lendas era ainda narrar a história; era tarefa que se impunha ao cronista, que não criação com que acreditasse o poeta.⁴

Corroborando o mito de Portugal – a nação predestinada à glória – povoam a narração os deuses do Olimpo. Estes constituem

² SILVA, 1987. p.12.

³ CAMÕES, 1980. p.31.

⁴ CIDADE, 1975. p.124.

o plano fantástico da epopéia. Em *Os Lusíadas*, Camões, no intuito de exaltar a nação portuguesa, narra a história desta nação em meio às lendas de sua tradição e à mitologia do Olímpo, tendo o mito apenas como “diáfano halo embelezador que o sentimento comovido empresta ao objeto amado, realidade pessoal ou factual.”⁵

Levando em conta as conquistas marítimas de Portugal nos séculos XV e XVI, há de se considerar, realmente, a supremacia desta nação naquela época. Vasco da Gama chegara a Calecut inaugurando novo caminho para as Índias e, assim, tornando Lisboa grande centro comercial do mundo. A ajuda dos deuses é reflexo da boa sorte dos lusitanos.

A mitologia pagã – seguindo o modelo clássico de Virgílio e Homero – por vezes aparece em algum dos versos épicos de Anchieta, mas apenas como ilustração.

Ao contrário de *Os Lusíadas*, em *De Gestis Mendi Saa* a grandiosidade épica tem referência no mito divino e não no fato histórico agenciado por um ser humano. Neste poema, Anchieta narra os feitos de Mendi Saa em prol da submissão do nativo brasileiro à fé católica. As vitórias de Mendi Saa na luta pela submissão do nativo brasileiro à fé católica, seja pelas batalhas sangrentas ou pela catequese dos jesuítas, são narradas no intuito de confirmar o mito divino. Os feitos do Governador Geral confirmam o poder de Deus. Mendi Saa é apenas o ser agenciador dos fatos narrados, o Pai Celeste, sim, é o verdadeiro herói exaltado na epopéia:

As glórias do Pai celeste e sua fôrça divina
seu nome, ó Cristo Rei, e teus feitos gloriosos
começarei a cantar. Num arrojo gigante,
emprenderei celebrar em verso tuas magnas emprêsas.⁶

O herói anchietano contraria a formação ideal do herói épico, garantida por uma condição mítica e outra humana num mesmo personagem:

⁵ CIDADE, 1975. p.45.

⁶ ANCHIETA, 1986. p.91.

O herói épico precisa, para ser sujeito da ação épica, agenciar as dimensões real e mítica da matéria épica, o que exige dele uma dupla condição. O herói épico precisa de uma condição humana para agenciar o real histórico e de uma condição mítica para agenciar o maravilhoso.⁷

A condição mítica não é realizada em Mendi Saa, apesar de ser cantado na epopéia como singular herói:

(...) Trazia, salvo das fauces do oceano,
um singular herói, de extraordinária coragem,
Mem, que do sangue de nobres antepassados
e de seiva ilustre de longa ascendência
herdara o sobrenome de Sá.⁸

Mas sim em Deus, o verdadeiro herói: “Foi a própria Onipotência que robusteceu os teus golpes / e prostrou a teus pés as inimigas hostes.”⁹ A imortalidade e elevação da alma Mendi Saa conseguirá, não através do plano fantástico de suas obras, mas da obediência a Deus, o único responsável pela grandiloquência das obras do herói e, portanto, pela condição mítica. O governo do próprio Mendi Saa é a referência de sua condição humana, mesmo que heróica, enquanto a condição mítica tem referência no herói Deus, através do fantástico de seus milagres que asseguram a vitória do herói humano.

Já em *Os Lusíadas*, encontramos o herói épico tradicional constituído de dupla condição. No povo lusíada é realizada tanto a condição humana quanto a condição mítica. Esta é agenciada pelos feitos fantásticos dos lusitanos, bem como pelo plano mitológico, em que os deuses do Olimpo regem o destino das naus portuguesas; aquela, pela história de Portugal. Os relatos de Camões partem de fatos históricos dos primórdios da nação portuguesa até a viagem de Vasco da Gama. A grandiloquência destes fatos deve-se à participação ativa dos deuses na história lusitana.

⁷ SILVA, 1987. p.12.

⁸ ANCHIETA, 1986. p.93.

⁹ ANCHIETA, 1986. p.83.

Também, na epopéia cristã de Anchieta, não há distância entre o plano mítico e o humano, apesar de se realizarem estes planos em personagens distintos. O próprio herói confirma a intervenção divina em toda a ação:

Alento e energia nos dará o Deus poderoso
que domina as alturas. Sua mão vingadora
sobre o inimigo desumano descera justiceira.
Vingando as ofensas sacrílegas, sua cólera santa
dizimará com a morte as alcatéias ferozes.¹⁰

Em outra passagem, o poeta narra:

Parecia que o próprio Deus lá das alturas celestes,
falando ao chefe, repetia essas mesmas palavras
que a ti, ó Patriarca cultivador da parreira,
dirigia outrora (...)¹¹

E ainda o próprio Cristo comunica-se com o governador geral:
“(...) Também a seus ouvidos soava / a voz de Cristo: Força-os a entrar
em meu santuário! / Que de povos diversos a minha casa transborde!”¹²

Segundo Staiger, a passagem do plano histórico para o maravilhoso faz-se através da grandiloqüência – batalhas sangrentas, feitos espetaculares, episódios fantásticos. O responsável por esta grandiloqüência na epopéia do jesuíta é o herói Deus. Os feitos fantásticos são os milagres, claramente atribuídos a Ele, o verdadeiro herói de toda e qualquer ação.

Mendi Saa, temente a Deus, luta pelo reino de Cristo, mas isto não lhe garante a inclusão no reino celeste – apenas chegará a Deus quando ressuscitar. Essa participação dos justos na glória celeste após a morte é citada no episódio da morte do filho de Mendi Saa, Fernão de Saa:

¹⁰ ANCHIETA, 1986. p.105.

¹¹ ANCHIETA, 1986. p.139.

¹² ANCHIETA, 1986. p.92.

Já tem o herói o rijo peito crivado de inúmeras setas,
o sangue o cobre todo e lhe empanam a beleza
dos membros.

A praia tremeu à sua queda. Tombando
os olhos moribundos se cravaram na altura
e a alma invencível se evolou às plagas celestes.¹³

Num verso seguinte, a justificativa pela sua elevação às “plagas celestes”: “Não te assediou o peito a fome do ouro nem da vaidade; / mas a paixão imensa da glória divina (...)”.¹⁴ E por sua humildade não lhe pode ser atribuída a condição mítica. Por sua vez, Vasco da Gama, como cidadão português, é incluído em ‘povo lusitano’, verdadeiro herói da epopéia e, portanto, é estendido a ele o mito da nação portuguesa, a nação gloriosa.

Em *Os Lusíadas*, Camões exalta os feitos dos portugueses pela expansão da fé católica, tudo em nome de Deus. Apesar de ter algumas vezes as certezas abaladas, a narrativa Maneirista exalta o ser humano. Alguns dos versos da epopéia camoniana transmitem uma expressão de orgulho e confiança do poeta em relação às conquistas dos portugueses e limites ultrapassados pelo ser humano: “Passaram ainda / Além da Trapobana, / Em perigos e guerras esforçados / Mais do que prometia a força humana”¹⁵; outros versos revelam um poeta pessimista considerando a impotência do homem diante do mundo: “Onde pode acolher-se um fraco humano, / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?”¹⁶ Já o poeta jesuíta não exalta o ser humano, ainda que inserido no contexto Renascentista. Em *De Gestis Mendi Saa*, é exaltado o próprio Deus, único detentor do poder e da glória. Afinal, um jesuíta deve seu amor a Deus sobre todas as coisas. No seguintes versos, Anchieta atribui a Deus todo poder e a glória:

¹³ ANCHIETA, 1986. p.117.

¹⁴ ANCHIETA, 1986. p.117.

¹⁵ CAMÕES, 1980. p.15.

¹⁶ CAMÕES, 1980. p.81.

Glorifica ao Senhor, que com seu braço invencível
esmagou os inimigos e seus fortins altivos.
Só a êle pertence derrubar sanguinários tiranos
calcar ao chão os maus, erguer ao céu os bons.¹⁷

Este mesmo Deus exaltado é quem inspira os versos do poeta,
através de Jesus ou do Espírito Santo – segunda e terceira pessoas
da Trindade Divina:

Tu, ó Jesus, ó clara luz do firmamento sereno,
ó fulgor sem ocaso, ó imagem do brilho paterno,
ilumina-me a mente cega, aclara-me a alma
com esplêndidos lampejos. Tu és a fonte ubertosa
donde, em torrentes, se inebriam os habitantes celestes.
Fecunda meu coração de copioso orvalho e derrama
sobre mim fontes vitais, ondas de vida:
Inunda meu peito árido com teus rios divinos:
Assim cantarei os prodígios que teu braço potente
há pouco operou em favor da gente brasílica, (...) ¹⁸

Foi o próprio braço onipotente de Jesus que operou em favor
da gente brasílica e também a ele é pedida a luz que ilumina o poeta
para o cantar.

Em *Os Lusíadas*, a inspiração é pedida a musas e ninfas,
pertencentes ao plano mitológico do poema:

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde acelerado,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíolo e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja as de Hipocrene.¹⁹

¹⁷ ANCHIETA, 1986. p.85.

¹⁸ ANCHIETA, 1986. p.91.

¹⁹ CAMÕES, 1980. p.30.

Ambas as epopéias seguem como modelo a epopéia clássica, no entanto, as fontes a quem clamam inspiração diferem-se. O poeta jesuíta clama o mito divino, Camões clama as musas e ninfas do Tejo e do Mondego.

Na epopéia camonianiana, o poeta dispõe-se do mito – “peito ilustre lusitano” – para a afirmação da história das grandes conquistas da nação portuguesa. A glória é cedida por Deus ao herói cantado em sua condição humana. O povo lusíada é o povo por Deus escolhido e predestinado a grandes vitórias.

Enquanto em *Os Lusíadas* o mito é um recurso para a afirmação da história, em *De Gestis Mendi Saa*, a história é um recurso para a afirmação do mito divino. A luta de Mendi Saa é narrada com o intuito de afirmar a Onipotência Divina. Todos os povos devem seguir a lei de Deus; no seu desdobramento, toda colônia deve seguir a lei do colonizador.

Referências Bibliográficas

- ANCHIETA, Pe. José de. *De Gestis Mendi Saa*. Introdução, versão e notas de Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Introdução de Antônio Soares Amora. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões / O Épico*. 4.Ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.
- SILVA, Aragildo Vasconcelos da. *Formação épica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Elo, 1987.
- STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Resumo

De Gestis Mendi Saa e *Os Lusíadas* foram escritos em contextos de grandes conquistas em Portugal, sempre justificadas pela necessidade de propagar a fé católica. Em *Os Lusíadas*, Vasco da Gama comanda a frota naval na conquista dos mares, mas é o povo português – cuja nação é escolhida por Deus – o verdadeiro herói da epopéia. Em *De Gestis Mendi Saa*, Mendi Saa comanda a luta pela submissão dos índios à fé católica, mas o herói glorificado é Cristo Rei. Pretendemos, neste trabalho, apresentar comparações entre *De Gestis Mendi Saa* e *Os Lusíadas*, analisando a condição mítica e humana dos heróis anchietano e camoniano.

Abstract

De Gestis Mendi Saa and *Os Lusíadas* were written in the same context, e.g., Portugal great conquests, always justified by the need of propagating the catholic faith. In *Os Lusíadas*, Vasco da Gama commands the fleet in the sea conquests, but the portuguese people are the hero. In *De Gestis Mendi Saa*, Mendi Saa commands the fight for indian's submission to catholic faith, but the hero is Jesus Christ. This work was conducted out to compare these poems, analysing the two heroes.